



O CINEMA PARADISO DE SÃO JOSÉ DO EGITO

Tal qual Totó do poético filme *Cinema Paradiso* de Giuseppe Tornatore, minha infância e adolescência foram ligadas ao cinema, passando por vários meandros do espaço cinematográfico. Os donos do *Cine Teatro São José*, Chico Silva e sua esposa dona Zezé (em memória) moravam próximos da casa dos meus pais, na rua João Pessoa, no centro de São José do Egito (PE). Os filhos de Chico Silva e dona Zezé foram amigos de infância. Então, meus primeiros passos de compreensão do mundo, além da natureza e da cultura do sertão, foram dados dentro do cinema.

Amigo de Ziva, filho de seu Chico, por um certo período tive minha jornada trabalhista na confeitaria do cinema. Depois fui promovido ao serviço de limpeza, e em pouco tempo, exerci mais Ziva a função de revisão das fitas dos filmes

analisando se tinha algum ponto vulnerável para que a fita não se partisse na hora da exibição. Quando o filme tinha alguma cena de uma discreta nudez, como as pernas, o perfil lateral dos seios, eu pegava um pedaço da fita para passar no meu cinema residencial que era feito com uma lâmpada transparente contendo água numa pequena caixa de papelão, com duas aberturas; uma para que a luz do sol entrasse pela brecha das telhas e batesse na lâmpada, e a outra para que a luz da lâmpada chegasse à fita e projetasse a imagem na parede. Era uma espécie de um retro projetor. O pagamento para assistir as fitas era uma nota feita das carteiras de cigarro da época, cada uma tendo seu valor de acordo com as fitas que eram projetadas. Também, a gente assistia no cinema de casa as fitas de outros tipos de filmes.

O encantado mundo do cinema no interior tinha uma dimensão muito forte na vida das pessoas. Como a televisão ainda era um objeto de poucos, o cinema era o espaço do entretenimento, da cultura, do conhecimento, do lazer e das relações sociais. Além do jornalismo que passava antes do filme através do Canal 100, por intermédio dos filmes sabíamos como viviam as pessoas de outros países, a conquista do Oeste dos Estados Unidos, o sobrenatural do horror, as guerras pelo mundo afora, a época do Império Romano, o antigo Egito, as histórias de amor e demais acontecimentos da vida e do mundo em diversas configurações.

Com os olhos ‘aboticados’ na tela panorâmica e o coração na mão ficávamos na maior aflição assistindo os duelos dos filmes do faroeste, torcendo pelo o artista ou mocinho (o protagonista) para que ele vencesse o duelo e ficasse com a mocinha no final. Se o artista morresse ficávamos com ódio do filme e dizíamos logo, o filme não presta, pois o artista morreu no final. Esse julgamento se estendia para todo tipo de filme.

Na época citada os grandes nomes do cinema eram Charles Bronson, Giuliano Gemma, Gina Lollobrigida, Sofia Loren, Teles Savala, Bud Spencer, Terence Hill, Steve McQueen, Elizabeth Taylor, Brigitte Bardot, Greta Garbo, Grace Kelly, James Stewart, John Wayne, Vivian Lee, Franco Neto, Allan Delon, James Dean, Claudia Cardinale, Marlon Brando, Charles Chaplin, o Gordo e o Magro, os Três Patetas, Jerry Lewis, Clint Estewood, Robert Redford, Lee Van Cleef, Henry Fonda, Jane Fonda, entre outros tantos e tantas grandes estrelas do cinema da época. Nós crianças e adolescentes sonhávamos sendo um grande

nome do cinema, inclusive nas nossas brincadeiras dos filmes de faroeste ou nos de impérios monárquicos usávamos os nomes dos artistas e portávamos um revólver ou uma espada, ambos feitos de madeira.

Quando terminava um filme íamos para os banquinhos no centro da cidade discutir tudo que estava relacionado ao que tínhamos assistido. Então, vertíamos opiniões das mais diversas, discordando, concordando, e muitas vezes expondo os erros do filme em termos de roteiros. Éramos atores, diretores e produtores nas nossas opiniões e discussões que muitas vezes iam até tarde da noite.

A dinâmica do ambiente do cinema era pintada de fotos curiosos que terminavam se transformando em acontecimentos repletos de humor, coisa típica do sertão nordestino, como por exemplos, na época as pessoas que tinham o melhor salário eram os funcionários do Banco do Brasil. Então, passar no concurso do Banco do Brasil era sinal de inteligência, e quando perguntávamos e dona Zezé (ficava na bilheteria) se o filme era bom, ela respondia, é bom sim, pois os bancários já entraram no cinema. Na portaria quem recebia os ingressos era Macilon, fiscal funcionário do serviço público. Aglomerado na portaria ficava a meninada lisa, doída para entrar no cinema, e quase em uníssono pedia a Macilon para que pudesse entrar de graça. Então, ele dizia, *“vai lavar os pés, mijar, rezar e dormir menino”*. Outras vezes ele dizia, *“vão lá para rua da baixa pois acabou de chegar um caminhão cheio de elefantes, girafas, zebras e leões”*.

Quando a fita se partia numa cena de suspense a vaia era grande, e se algumas vezes acontecia de os rolos do filme serem trocados e ninguém entendia nada, dona Zezé e seu Chico Silva diziam, o filme é assim mesmo, é difícil de entende-lo, tem que assistir mais de uma vez. Quando acontecia isso era porque os filmes chegavam do Recife em cima da hora de exibição e não dava tempo conferir se os rolos estavam corretos.

Diferente da frieza humana dos cinemas dos shoppings ou de assistir um filme na solidão do quarto, o ambiente do cinema das cidades do interior até metade dos anos 80 do século passado era de muito calor humano, da imaginação inocente, da fantasia e dos delírios de acordo com dramaturgia dos filmes. Ficávamos suados, apreensivos, dando chutes, com os olhos cheios de lágrimas, a boca aberta, as mãos agarradas nas cadeiras, folego preso, e quando a cena era

o que queríamos que acontecesse, um alívio enorme da tensão era transformada na alegria, na satisfação e na confraternização coletiva.

Lembro-me como se hoje, Antony Queen no filme *O Corcunda de Notre Dame* (obra de Victor Hugo) se balançando no sino da imensa catedral secular de Paris, e Gina Lollobrigida embaixo, na maior apreensão. Quando estive em Paris no ano de 2016, ao ficar em frente da famosa catedral, naquele momento, o cinema de Chico Silva visitou minha memória e passaram as cenas na minha da minha infância e adolescência.

Como bem mostrado em *Cinema Paradiso*, o cinema começou a falir com a chegada da tv de forma mais ampla, outros entretenimentos, como festas todos os finais de semanas, mais bares e outros fatores. Nessa época, os cinemas abriram as telas para os filmes de sexo explícito e de Karatê. Como era proibido o filme pornô, quando eles foram liberados, houve uma grande frequência de pessoas nos cinemas, mas como os filmes são as mesmas coisas, sem roteiro e sem nada que envolva a sétima arte, e os filmes de karatê com histórias repetidas, o cinema entrou em colapso e grande parte foi vendida as igrejas evangélicas ou transformados em outros tipos de imóveis.

Como dito no início desta crônica, minha infância e adolescência foram pautadas em grande parte no mundo do cinema, e até hoje, não perdi essa ligação, pois sou um cinéfilo. Amo a sétima arte. Quando assisto ao um filme vejo a atuação do elenco, a direção, a produção, o roteiro, a trilha sonora, o figurino e a fotografia. Têm filmes que já perdi a conta de quantas vezes assisti, pois é impossível abarcar uma obra de arte durante na primeira vez. Revisitá-la quantas vezes possível, proporciona a descoberta de outras coisas ligadas a tudo que eu disse antes.